

DO GOZO À FALTA: O SUJEITO E O ENLAÇAMENTO ENTRE O SINTOMA E O DESEJO

Altair José dos Santos

Em termos psicanalíticos a referência ao desejo como campo subjetivo ligado necessariamente à linguagem, implica a possibilidade de pensá-lo em uma ordem latejante que pede continuidade, que excede. Tal asserção define que, embora, o desejo possa ser tomado como uma categoria de estudo, sua apreensão rejeita a ordem de pensamento por implicações da lógica formal.

Em *A Interpretação dos Sonhos* Freud considerou o desejo com sendo aquilo que, para a alma humana, se realiza no modo alucinatório e em primeiro lugar no sonho. Acerca do sonho de injeção de Irmã Freud diz que “[...] seu conteúdo foi a realização de um desejo, e seu motivo foi um desejo” (1976, p. 127). É importante notar que, neste momento, o termo desejo surge a partir da idéia da realização alucinatória e somente mais tarde chega-se ao desejo como formador do sonho e não como produto do sonho. Acerca dos sonhos Freud ainda diz que:

Não se deve assemelhar os sonhos aos sons desregulados que saem de um instrumento musical atingido pelo golpe de alguma força externa em vez de sê-lo pela mão de quem sabe tocar; não são destituídos de sentido, não são absurdos; não implicam que uma parcela de nossa reserva de idéias se ache adormecida, enquanto outra começa a despertar. Pelo contrário, são fenômenos psíquicos de inteira validade – realizações de desejos; podem ser inseridos na cadeia de atos mentais inteligíveis de vigília; são produzidos por uma atividade da mente altamente complexa (1976, p. 131).

Na história do desenvolvimento da psicanálise, Freud se depara com o sujeito do inconsciente por meio dos sintomas e dos sonhos. Ao lançar mão da associação livre, apoiado pela transferência, Freud encontra caminhos para tomar sintomas e sonhos como expressão de algo que fala no e do sujeito. Essa atitude frente às formações do inconsciente, consideração da ordem significativa, permite por em evidência o desejo a elas ligado. Portanto, o pensamento sobre o desejo surge da escuta aos sintomas e da

interpretação dos sonhos.

Para Lacan “o sintoma é uma metáfora, quer se queira ou não dizê-lo a si mesmo, e o desejo é uma metonímia, mesmo que o homem zombe disso” (1998a, p. 532). No âmbito dessa discussão o sintoma é pensado como a marca de um conflito psíquico a indicar a divisão subjetiva do sujeito. Em sua estrutura significante o sintoma implica o sujeito do inconsciente e está submetido às leis da linguagem. O sintoma enquanto metáfora somente pode ser entendido como um significante que vem no lugar de outro significante recalcado. Além disso, em sua relação com a Lei o sintoma presta-se a um modo de gozo, através das formações sintomáticas o neurótico goza orientado por suas fantasias inconscientes.

Nas primeiras elaborações de Freud, o desejo aparece como uma *força* que tem o poder de arrastar o sonhador pelos meandros da sua realização, mas é em Lacan que o desejo estabelece-se como *falta*. “O desejo não é, portanto, nem o apetite de satisfação nem a demanda de amor, mas a diferença que resulta da subtração do primeiro à segunda, o próprio fenômeno de sua fenda (*spaltung*)” (LACAN, 1998c, p. 698). Desse modo, admite-se o desejo como expressão da *falta* impossível de se apagar. Mas essa impossibilidade é o melhor, é melhor que não se apague, pois, se *a falta* falta é impossível que advenha um sujeito desejante e “nesse lugar de falta o sujeito é chamado a dar o troco através de um signo, o de sua própria castração” (LACAN, 2005, p. 56).

A partir de Lacan pode-se pensar que a causa do desejo somente opera em função da castração. Pode-se então pensar o mito de Édipo como a estrutura em que a Lei funda o desejo. Já em Colona, errante e desditado, Édipo não é herdeiro do pai simbólico. Maldito, parricida e incestuoso, Édipo é condenado a escapar da herança que une o desejo com a Lei (QUINET, 1999).

Em seu compromisso com o desejo, o sintoma emerge como o retorno da

verdade do desejo recalçado, verdade maldita a falar nos furos do corpo. O sintoma constitui-se como aquilo que vaza e que de certo modo é insistente em seu mal-dizer.

Nesse retorno,

o recalque deslocando zomba um bocado de nós! Pensamos tê-lo desmantelado mas ele está apenas se perfidamente, mais abaixo, nas fronteiras entre o soma e a psique, ali onde as comportas do gozo se entavam e onde o erotismo abandonado encontra-se obrigado a recorrer a novos limites, o dos órgãos, que então falham (KRISTEVA, 1994, p. 38).

Mas Freud nos ensina que essa falha deve ser tomada como uma fala bem sucedida, pois há algo do desejo que esperneia e reclama por reconhecimento.

Ao investigar o psiquismo Freud encontra nos sintomas, nos sonhos, nos chistes e nos atos falhos um caminho direto à investigação do inconsciente. No caminho dessa investigação ele depara-se com o desejo que se forma e se realiza no sintoma, a partir de processos de condensação e de deslocamento. Segundo Lacan, “o sintoma resolve-se inteiramente numa análise de linguagem, porque ele próprio está estruturado com uma linguagem, porque é linguagem cuja palavra deve ser liberada” (1998b, p. 270). Na clínica psicanalítica o sujeito fala não somente através das palavras que profere, ele fala também por meio dos sintomas que lhe acomete. Nesse sentido, aquele que faz o sintoma é falado por meio do seu sintoma. Há aí uma verdade revelada no véu dos sintomas e no tecido do apelo dirigido ao analista.

A partir de tal proposição pode-se apontar uma potencialidade negativa que leva a um apagamento, a um recalque do desejo e de seus substratos significantes do qual emanam os enigmas do sintoma, um *não-sentido*, uma não revelação, ou *velações* sucessivas, do desejo e de suas significações.

Depara-se aí com o incontestável, o inconsciente é demarcado por uma falta, por uma falha fundamental e básica. Esta potencialidade negativa é a expressão incompreensível de *re-velações* sucessivas do desejo produzindo o lapso, o ato falho, o sonho, o sintoma. Por isso, para Freud, os sintomas são produções substitutivas, tentam

tamponar seu sentido no gozo sintomático, na repetição, no desconhecimento do desejo. O resultado do compromisso entre sintoma e desejo é, portanto, uma tentativa de obturar a falta constitutiva, é fazer des-aparecer não apenas as representações proibidas, mas também o próprio objeto investido. O resultado é justamente fazer des-aparecer o *sentido* de uma intencionalidade quanto ao desejo, que permanece unicamente apreensível pela via dos significantes, e aí o sujeito se satisfaz de maneira secundária, não obstante possível, na medida em que o discurso acerca do desejo fica em suspenso.

Segundo Antônio Quinet,

oferecendo um tratamento pela via do desejo, a psicanálise torna possível para o sujeito o caminho que parte da dor de existir e segue em direção à alegria de viver. Para isso, todavia, é necessário que o sujeito queira saber, tendo a coragem de se confrontar com a dor que morde a vida e sopra a ferida da existência, a fim de fazer da falta que dói, a falta constitutiva do desejo (1999, p. 89).

Isso porque, há uma diferença entre o problema de sustentar seu próprio desejo, como reclama o neurótico, e a impossibilidade de desejar. Esse último, se assim pode-se dizer, é o pior, pois, o desejo é o que salva da imersão no gozo mortífero, na pura repetição, na pura dor de existir.

Contudo, o exercício da revelação do desejo não pode ser um acontecimento desprovido de uma experiência da *falta*. Pois, “o sujeito encontra-se dividido em relação a seus desejos. Isto, todavia, não é motivo para recuar, mas antes para tentar bem decifrá-los, segundo Freud, e bem dizê-los, segundo Lacan” (QUINET, 1999, p. 8).

A psicanálise é um caminho de reconhecimento e dedicação a realizar uma troca entre estes dois campos, a descobrir as faltas num e noutro, uma vez que o desejo responde efetivamente a uma falta. Assim, o sujeito situa-se no limite desse movimento de passagem do desejo recalcado ao desejo assumido (LACAN, 1998). Ora, se o desejo está ligado à cadeia dos significantes e a seu percurso, ele está proposto em uma transição bidirecional, não excludente, recíproca e dinâmica.

Segundo Lacan, “[...] a palavra já é uma presença feita de ausência [...]” (1998b, p. 277), podemos, então, supor que o sintoma configura uma ausência feita de presença? Mas o que estaria supostamente ausente na formação do sintoma? A representação do objeto, o reconhecimento do desejo, a nostalgia do objeto perdido.

Nesse sentido, o sintoma diz respeito ao desejo recalcado. Contudo, seria ingênuo pensar que a formação de sintomas decorre simplesmente da impossibilidade de satisfação de um desejo específico, ou de vários desejos, que seja! O que está em jogo na formação sintoma é, antes disso, impossibilidade da satisfação, a impossibilidade de saber acerca do desejo, um modo de se haver com a falta. Em última instância, está em jogo na formação do sintoma a impossibilidade da completude, a inexistência *do objeto* suficientemente capaz de satisfazer.

Mas é preciso cavar um pouco mais e pensar com Lacan que a falta é constitutiva do desejo. Pensar que é na ausência da Coisa que a Lei funda o desejo, ou seja, a Lei intima o sujeito a desejar e tal intimação faz emergir o sujeito na condição de que seja a ela assujeitado. É preciso fazer giro no discurso do sintoma e considerar que o desejo aponta antes para uma falta que é da ordem do impossível. Nesse sentido, o desejo aparece do lado do inconsciente e o sintoma do lado gozo. Se por um lado o sujeito será sempre confrontado com a impossibilidade, terá sempre que se haver com a dor da falta, por outro lado o desejo, fundado pela Lei, é o que ele tem para dar conta dessa falta. Mas tal função é condicionada ao bem-dizer, a certo ganho de saber sobre o desejo inconsciente. Caso contrário, o que resta é a nostalgia de um paraíso perdido, ou a regressão primitiva pela via do sintoma. Segundo Colette Soler (1999), no sintoma, a articulação entre o desejo e o gozo se impõe: o desejo apresenta-se como uma defesa, ali, onde ele cai, erige-se o gozo.

Tomando-se o sintoma como um modo de gozo, portanto como oposto ao desejo, pode se considerar que se trata da “ausência da fala em plena atividade, pois

inclui o discurso do outro em seu código” (LACAN, 1998b, p. 282). Por isso o analisante dirige ao analista as queixas decorrentes de seus sintomas ao mesmo tempo em que é convocado a falar desses sintomas. Ali, em sua análise, ele põe-se a falar acerca disso que lhe acomete, coloca em movimento a cadeia significativa e, ao tomar o sintoma como metáfora, abre o curto-circuito da repetição, busca produzir novos significados para o que lhe corta a carne. Desse modo, a psicanálise é o único discurso a possibilitar um ganho de saber acerca do desejo inconsciente, saber que abre caminho para fora da formação sintomática e que possibilita outro modo de lidar com a falta, para além do princípio de prazer, pela via do desejo.

O apelo dirigido ao analista pelo analisante, por um lado, porta a linguagem decifrada por Freud no sofrimento do homem frente à cultura. Por outro lado, diz respeito aos conflitos singulares do analisante e à sua própria constituição subjetiva. Lacan adverte para a importância de se tomar o sintoma como “o significante de um significado recalcado da consciência do sujeito. Símbolo escrito na areia da carne e no véu de Maia, ele participa da linguagem pela ambigüidade semântica [...] em sua constituição” (1998b, p. 282).

Na situação da análise, frente ao seu sofrimento, o sujeito é convocado ao dever ético de bem-dizer seus sintomas. Tal atitude implica em ganho de saber acerca do desejo que é tributário da orientação do sujeito em relação ao desejo inconsciente. Nesse sentido, orientar-se corresponde ao ganho de saber elaborado sobre o objeto causa de desejo (QUINET, 1999, p. 7).

Portanto, o sintoma deve ser tomado como uma construção implicada na relação do sujeito com o saber de seu desejo inconsciente, tensionado pelo vazio da Coisa. Nessa implicação entra em cena os modos de gozo tanto do sujeito quanto de sua cultura. Desse enlaçamento emergem inúmeras promessas, modos quixotescos para se tentar a satisfação impossível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 4. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros Para Nós Mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LACAN, J. A Instância da letra no inconsciente. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.

_____. Função do campo e da fala e da linguagem em psicanálise. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b.

_____. A Significação do falo. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998c.

_____. **O Seminário, livro 10: A Angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

QUINET, A. **Extravios do Desejo**. Rio de Janeiro: Marca D'Água, 1999.

SOLER, C. Um mais de melancolia. In: Quinet, A. (Org). **Extravios do Desejo**. Rio de Janeiro: Marca D'Água, 1999.

SOBRE O AUTOR:

Altair José dos Santos. Doutorando em Psicologia Clínica e Cultura – UnB, professor do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás. Membro do Núcleo do Corpo Freudiano de Goiânia.